

O NATURALISMO BIOLÓGICO DE JOHN SEARLE: ENTRE O DUALISMO E O MATERIALISMO

THE JOHN SEARLE'S BIOLOGICAL NATURALISM: BETWEEN DUALISM AND MATERIALISM

Elemar Kleber Favreto*
Ulisson da Silva Pinheiro**

RESUMO

O Naturalismo Biológico é apresentado por John R. Searle em diversas obras, mas a mais significativa delas para a compreensão dessa abordagem filosófica é *A redescoberta da mente*, publicada em 1992, em que ele afirma que o mental é físico porque é biológico. Dentro dessa concepção, a consciência aparece como resultado do processo de evolução biológica de sistemas nervosos que culminaram em uma complexidade orgânica/estrutural capaz de causar e sustentar a mente. Em consequência, a mente, que tem como uma de suas características principais a consciência, que é, por sua vez, essencialmente subjetiva, é redutível de modo epistemológico a processos físicos, ao passo que é irreduzível ontologicamente a processos físicos. Assim, sua teoria pode ser considerada um híbrido de dualismo e materialismo, mas não é nem de todo dualista e nem de todo materialista. Este trabalho, portanto, tenta expressar, através de uma análise apenas bibliográfica, as principais características do Naturalismo Biológico de John Searle.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Naturalismo biológico. Mente. Corpo.

ABSTRACT

Biological Naturalism is presented by John R. Searle in several works, but the most significant of them for understanding this philosophical approach is the work *The Rediscovery of the Mind*, originally published in 1992, where he states that the mental is physical because it is biological. Within this conception, consciousness appears as a result of the process of biological evolution of nervous systems that culminated in an organic/structural complexity capable of causing and sustaining the mind. Consequently, the mind, which has as one of its main characteristics consciousness, which is itself essentially subjective, is reducible epistemologically to physical processes, whereas it is ontologically irreducible to physical processes. Thus his theory may be considered a hybrid of dualism and materialism, but it is neither wholly dualistic nor materialistic. This work, therefore, attempts to express, through a purely bibliographical analysis, the main features of John Searle's Biological Naturalism.

KEYWORD: Philosophy. Biological naturalism. Mind. Body.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Professor do curso de Filosofia da Universidade Estadual de Roraima. E-mail: elemar@uerr.edu.br. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual de Roraima. E-mail: ulissonpinheiro@gmail.com.

** Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual de Roraima. E-mail: ulissonpinheiro@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar o naturalismo biológico de John Searle como uma terceira via para se pensar a questão mente-corpo, uma vez que sua teoria apresenta uma mescla das duas principais correntes filosóficas da mente: o dualismo e o materialismo. Esta pesquisa divide-se em cinco partes. De início é exposta a proposta de Searle em relação à tradição e os paradigmas da filosofia da mente. Em seguida apontam-se concepções da mente que, segundo o filósofo norte-americano, são inverossímeis. Depois, explana-se acerca das objeções de Searle às principais correntes materialistas da mente. Posteriormente, mostra-se uma aparente dualidade na proposta de Searle, apontada por Tárík Prata, e objeções a essa aparente postura dualista de Searle, para, por fim, ser apresentado o motivo pelo qual se deve pensar o naturalismo biológico de John Searle como uma terceira via para o problema mente-corpo.

O método adotado para a análise dos dados bibliográficos da pesquisa foi o descritivo-analítico, partindo-se de conceitos e argumentos elaborados pelo autor para, em seguida, ser analisado e levado à concepção de consciência e mente em que Searle se enquadra. O tipo de pesquisa foi essencialmente bibliográfico, tendo em vista o caráter teórico da concepção searlina.

1 SEARLE E A TRADIÇÃO FILOSÓFICA SOBRE A MENTE

John Searle, ao propor o naturalismo biológico, procura superar as concepções de mente segundo as duas correntes vigentes na investigação do problema mente-corpo: o dualismo e o materialismo. Para o filósofo, ambas as correntes tradicionais da filosofia da mente estão equivocadas em relação aos fenômenos mentais. Elas são falsas, pois negligenciam tais fenômenos.

O erro de ambas reside na crença de que tudo aquilo que seja mental é não físico, e de que tudo o que seja físico é não mental. Os dualistas, embasados nas tradições cartesianas, afirmam que os fenômenos mentais são não físicos, logo são irreduzíveis a fenômenos físicos. Os materialistas vão além, afirmam que, se existem estados mentais, estes são necessariamente redutíveis a fenômenos físicos, caso contrário, tais estados não existem.

Para Searle, as concepções dualistas não são conciliáveis com a visão científica de mundo, uma vez que o pressuposto principal dessa corrente é que a mente é algo imaterial e,

assim, sobrevivente à morte do corpo. Devido a essa incompatibilidade da corrente dualista da mente com o panorama científico atual, o materialismo ganha espaço nas discussões mente-corpo, o que o torna a corrente predominante na filosofia da mente contemporânea.

Segundo o filósofo, essas duas correntes são impostas como as únicas alternativas cabíveis ao problema mente-corpo. Logo, ou alguém é “científico” e, portanto, corrobora com uma das concepções da corrente materialista, ou é “anticientífico” e, assim, enquadra-se dentro de uma das concepções da corrente dualista. Ademais, para Searle, os autores clássicos estão presos a um vocabulário tradicional e arcaico, tendo a necessidade de reformular suas proposições circunscritas nele. Sendo assim, Searle (2006) propõe um desafio a essas tradições.

Devido à corrente materialista ser a mais usual dentro da filosofia da mente contemporânea, Searle (2006) concentra suas objeções a ela e, para tal empreitada, inicia apontando seis teorias da mente que são inverossímeis. Isso porque, segundo ele, elas hostilizam o caráter mental da vida cotidiana, colocando em xeque características gerais do mental.

2 AS SEIS CONCEPÇÕES INVEROSSÍMEIS DA MENTE

A primeira concepção diz respeito à teoria do materialismo eliminativista. Segundo Searle, essa postura é totalmente contrária às opiniões aceitas amplamente. O materialismo eliminativista postula, de forma radical, que estados mentais simplesmente não existem (SEARLE, 2006, p. 14). Tal teoria é inverossímil para o filósofo norte-americano, pois a existência de fatos como crenças, desejos etc. é óbvia a qualquer um.

A segunda concepção afirma que as asserções da psicologia popular são falsas. Searle afirma que tal ideia é usada para corroborar com o materialismo eliminativista que pressupõe que a psicologia popular é uma teoria empírica, e as entidades que ela postula são “[...] exatamente correspondentes, ontologicamente falando, a quarks e muônios” (SEARLE, 2006, p. 14). Assim, provando que a psicologia popular é falsa, abandonam-se as entidades que ela postula, restando apenas as entidades ontológicas correspondentes.¹

¹ Searle dedica um apêndice na sua obra *A redescoberta da mente* exclusivamente em defesa da psicologia popular. Nele, o filósofo sustenta que não há nada de errado com ela e que os avanços nas pesquisas neurocientíficas a complementam. Por exemplo, mesmo que a psicologia popular tenha se mostrado equivocada em relação à posição no espaço físico das dores, a dor em si existe. Para maior compreensão, conferir Searle (2006, p. 94-95).

A terceira concepção consiste no funcionalismo, que postula que os estados mentais são resultados de relações causais provocadas por entrada (*input*) e saída (*output*) de dados que têm uma função causal no organismo. Embora pareça a mesma ideia dos behavioristas, o funcionalismo se distingue pelo fato de que essa saída de dados não é necessariamente um evento comportamental observável, pode ser outro estado mental. Sendo assim, um único estado mental pode estar relacionado a inúmeros outros estados mentais, dependendo da conexão causal em que tal estado esteja (CHURCHLAND, 1988, p. 68).

A quarta concepção é denominada por Searle de *Inteligência Artificial Forte*, que afirma que um computador com os programas apropriados com seus *inputs* e *outputs* deve ter estados mentais – pensamentos, sentimentos, crenças etc. (SEARLE, 2006, p. 15).

A quinta concepção diz respeito aos vocabulários usados para descrever os estados mentais. Postula-se que não se deve levar em consideração o vocabulário usado para expressar tais estados, pois essas expressões são usadas como prognóstico de um comportamento (SEARLE, 2006, p. 16).

A sexta concepção inverossímil da mente também é uma concepção radical. Ela afirma que a consciência talvez não exista. Na verdade nega os estados mentais de primeira pessoa, dizendo que tais estados devem ser publicamente observáveis, ou seja, de terceira pessoa (SEARLE, 2006, p. 16).

Para Searle, essas concepções estão incorretas, pois todas negam de alguma forma a existência de estados mentais e, portanto, negam também que a consciência exista, tornando o estudo sobre a mente algo difícil:

[...] se alguém negar a existência da consciência logo de início, é difícil saber qual seria a base comum no estudo da mente. A meu ver, se sua teoria resulta na concepção de que a consciência não existe, você simplesmente produziu uma *reductio ad absurdum* da teoria, e o mesmo acontece com muitas outras concepções da filosofia da mente contemporânea. (SEARLE, 2006, p. 17).

Sendo assim, é preciso analisar o porquê do persistente erro presente nas concepções materialistas da mente. Segundo Searle, a persistência desses erros está na tradição não só filosófica, mas também científica. Ou seja, reside na maneira como, ao longo dos últimos séculos, a filosofia e a ciência vêm tratando as questões da natureza. Tal tratamento fundamenta-se na concepção de que tudo o que existe na natureza é necessariamente objetivo e, por ser assim, é impossível não ser alcançável por qualquer observador e analisado em terceira pessoa. Segue-se, portanto, que em razão da objetividade da realidade, o acesso a ela

deve ser empírico, isto é, através de experimentações. Sendo assim, se se postula que fenômenos mentais são irreduzíveis a processos físicos, não sendo inteligíveis, logo não fazem parte da natureza, não pertencendo à realidade. Caso contrário, admitindo-se que fenômenos mentais são redutíveis a processos físicos, então, necessariamente eles são observáveis, tornando-se, portanto, a resposta à questão de como é possível observar outras mentes através do comportamento do corpo.

Segue-se daí que a consciência apontaria as disposições comportamentais que os sistemas nervosos possuem devido a sua estrutura física e as relações causais que eles mantêm entre si. Assim, qualquer sistema poderia reproduzir comportamentos que remetem a estados mentais, desde que possua uma estrutura equivalente a sistemas nervosos complexos.

Segundo Searle, devido a essas concepções acerca de como funciona a realidade, o espaço para o estudo da mente e, principalmente, dos fenômenos conscientes é praticamente zero, pois ele ou exclui tais fenômenos de seus métodos de investigação ou os ignora em função de uma representatividade comportamental. Para ele, os fenômenos mentais e, portanto, a existência da consciência são fatos óbvios da realidade e não têm a necessidade de possuir algo com o dualismo cartesiano (SEARLE, 2006, p. 24).

Assim, Searle, em favor da sua tese do naturalismo biológico e na tentativa de superar os erros da tradição filosófica e científica, apresenta suas objeções a algumas das principais teorias do materialismo da mente, com enfoque maior às teorias contemporâneas da mente.

3 AS OBJEÇÕES DE JOHN SEARLE À CORRENTE MATERIALISTA DA MENTE

Searle inicia suas objeções à teoria materialista apresentando as origens históricas dos fundamentos dessa corrente. Segundo o filósofo, suas origens estão no behaviorismo surgido em meados do século passado:

Na filosofia da mente contemporânea, a tradição histórica está nos tornando cegos para os fatos óbvios de nossas experiências, dando-nos uma metodologia e um vocabulário que faz hipóteses obviamente falsas permanecerem aceitáveis. A tradição emergiu de suas primitivas e toscas origens behavioristas há mais de meio século, através de suas teorias de identidade “tipo-tipo” e “ocorrência-ocorrência”, até a sofisticação dos atuais modelos computacionais de cognição. (SEARLE, 2006, p. 23).

Para o filósofo norte-americano, existem pelo menos quatro fatores que atuam para manter a tradição mencionada: 1) o medo de cair em concepções do dualismo cartesiano; 2) o

vocabulário herdado pela tradição filosófica da mente; 3) a tendência, tanto da filosofia quanto da ciência, em objetivar tudo aquilo que pertence à realidade; e 4) o desejo oriundo no desenvolvimento do conhecimento em se querer saber tudo de um modo mais profundo.

O medo de cair no dualismo cartesiano está no fato de que tal teoria afirma a existência de duas substâncias ou propriedades pertencentes à realidade, sendo que essa dualidade significa necessariamente coisas ontologicamente diferentes, ou seja, se algo é mental é impossível ser físico e se for físico é impossível ser mental.

Ademais, juntamente com a tradição cartesiana veio também o vocabulário tradicional para se pensar o problema mente-corpo. Nesse vocabulário, os termos empregados remontam a uma dualidade conceitual, em outras palavras, uma dualidade semântica. Assim, quando se usam termos como “mental” se estaria necessariamente referindo-se a algo não físico.

Em relação à tendência das ciências em objetivar a realidade, pressupõe-se que tudo o que for real deve ser acessível a todos que se prestam a observar a realidade. Logo, é impossível que a realidade não seja objetiva. Sendo assim, afirmar alguma coisa não física significa expressar coisas que não fazem parte da realidade.

Essa pressuposição da realidade totalmente objetiva alavancou grandes avanços nas ciências, que proporcionaram descobertas fantásticas em relação à natureza ou ao universo de uma forma geral. Como praticamente tudo aquilo que foi apresentado às ciências como objeto de investigação foi medido, pesado, rotulado e classificado, as concepções dos estados mentais devem também passar por esse processo.

O desenvolvimento do conhecimento apresenta, portanto, as coisas que antes eram conhecidas apenas superficialmente sob uma nova égide. Assim, por exemplo, algo que se conhece pelo termo “água” é apresentado como nada mais do que “moléculas de H₂O”; “átomos” são “conjuntos de partículas subatômicas” etc. Consequentemente aparece o desejo de se saber tudo com tamanha profundidade que não possa haver mais nada além de coisas quase que infinitamente pequenas.

Sendo assim, segundo Searle, em razão desses fatores, qualquer admissão de algum tipo de mentalismo é vista com suspeita, acusada de conter elementos cartesianos, uma vez que, usando qualquer termo oposto aos dos materialistas, se estaria referindo a concepções sobrenaturais, não pertencentes aos fatos da realidade objetiva. Se não podem ser medidas, pesadas, rotuladas e classificadas, logo não podem ser conhecidas, como se conhece uma molécula de H₂O, com profundidade.

O argumento principal de Searle frente a toda tradição filosófica da mente, portanto, é a própria concepção teórica do naturalismo biológico que diz, *grosso modo*, que mente é uma característica biológica ordinária de nível superior causada por processos neurofisiológicos e que possuem um modo próprio de existência.

Searle (2006, p. 31-41) enumera sete premissas básicas que minam os fundamentos da tradição filosófica da mente (presentes no tópico V do primeiro capítulo da obra *A redescoberta da mente*):

1º) “*a consciência é importante*”;

2º) “*nem toda a realidade é objetiva; parte dela é subjetiva*”;

3º) “[...] *é um erro supor que a ontologia do mental é objetiva, é um erro supor que a metodologia de uma ciência da mente só deva ocupar-se de comportamentos objetivamente observáveis*”;

4º) “*é um erro supor que sabemos da existência dos fenômenos mentais em outras pessoas somente pela observação de seu comportamento*”;

5º) “*comportamento ou relações causais para comportamento não são fundamentais para a existência de fenômenos mentais*”;

6º) “*é incompatível com o que de fato sabemos sobre o universo e nosso lugar nele supor que tudo é conhecível por nós*”; e,

7º) “*a concepção cartesiana do físico, a concepção da realidade física como 'res extensa', é simplesmente não adequada para descrever os fatos que correspondem a afirmações sobre a realidade física*”.

Para Searle, a importância da consciência para o estudo da mente reside no fato de que os aspectos mentais devem necessariamente passar por algum nível de consciência, ou seja, a noção de um estado mental pressupõe a noção de um estado consciente. Ora, é no mínimo duvidoso que algum sujeito possa ter algum tipo de representação da realidade quando em um estado inconsciente, ou seja, sem qualquer tipo de atividade cerebral.

Ademais, a consciência, para o naturalismo biológico, é a característica principal da mente e possui um modo próprio de existência, a saber: um modo subjetivo. Sendo assim, a subjetividade existe enquanto aspecto mental de alguém. Consequentemente, se a subjetividade existe, logo ela faz parte da realidade.

Parte da realidade é portanto subjetiva, e é justamente essa parte subjetiva que faz a observação da parte objetiva². Entretanto, como a tradição procura conceituar seus objetos de investigação de forma imparcial, ou seja, sem a interferência de qualquer fator subjetivo, procura-se observar a consciência nesses moldes. Contudo, em razão da subjetividade da consciência, ela é inacessível até mesmo em primeira pessoa e não pode ser estudada pelos métodos tradicionais de investigação, pois estes são feitos a partir da terceira pessoa, e o acesso em terceira pessoa se limita a comportamentos observáveis.

Além disso, a ontologia da consciência é subjetiva, portanto irreduzível a processos físicos. Sendo assim, os comportamentos observáveis não são suficientes para garantir um acesso total e legítimo a estados e processos mentais. O comportamento nada mais é do que a manifestação de um estado mental, ou seja, por mais que fatores externos ao sujeito o levem a agir dessa ou daquela forma, não há como ter a total certeza de que através dos mesmos estímulos externos ele agirá sempre dessa ou daquela forma. Por exemplo, *beltrano* toca violão toda vez que chove no seu quintal, isso porque toda vez que chove, seus estados mentais o levam a tocar violão, mas em um determinado dia de chuva *beltrano* não tocou seu violão, isso porque naquele dia ele queria tocar flauta transversal, mas como não tinha uma, *beltrano* leu um livro. Entretanto, só é possível saber o que se passou na consciência de *beltrano* naquele dia em que não tocou seu violão ao chover no seu quintal, se ele manifestar semanticamente o que ocorreu em primeira pessoa, caso contrário, um observador jamais saberia o que houve na consciência dele para não tocar violão naquele dia.

Segue-se daí que comportamentos não são parâmetros para existência de consciência. É fácil imaginar uma máquina que foi programada para receber moedas, e toda vez que depositassem uma moeda ela não possuiria uma consciência capitalista consumista, desejando acumular o máximo de capital possível. Na verdade, sabe-se que essas máquinas não são conscientes. Isso porque se sabe como ela funciona, ou seja, sabe-se sobre as suas relações epistêmicas e sua estrutura, que é completamente objetiva. A consciência, por outro lado, é essencialmente subjetiva.

Em relação às sexta e sétima premissas de Searle, ambas são muito interessantes. Ora, sabe-se que existem várias teorias acerca do universo, e nenhuma delas tem a pretensão de esgotar tudo o que se sabe acerca dele; na verdade o que se afirma é o contrário, que ainda não

²Para o naturalismo biológico, é através da consciência que o sujeito tem acesso aos dados empíricos do mundo objetivo e, por ela mesma ser subjetiva, também em razão do modelo tradicional de observação sujeito/objeto, não pode observar a si mesma.

se conhece grande parte do que o constitui. Entretanto, isso não significa necessariamente que não se pode conhecê-lo, nem deveria se pensar assim. Assumir uma postura absolutamente cética acerca da possibilidade de se conhecer a realidade é manter-se numa espécie de inércia intelectual. Contudo, pretender esgotar tudo o que se sabe baseado em um método é assumir uma postura científica dogmática. Por mais que esse método tenha funcionado, no sentido de que contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento nos últimos séculos, nos dias atuais pode não ser mais suficiente para solucionar alguns problemas filosóficos. É preciso ir além de conceitos paradigmáticos um tanto ultrapassados para desenvolvimento da filosofia da mente, como, por exemplo, “*res extensa*” e “*res cogitans*”³. Essa dualidade limita concepções que possam abordar estados mentais participantes da realidade objetiva sem que sejam necessariamente objetivos. Insistir que tudo o que é físico deve ser necessariamente pesado, medido, rotulado e classificado é persistir no uso da metodologia errada, pois nem tudo que é físico pode ser quantificado.

Em face dos argumentos acima expostos, Searle conclui que as concepções materialistas estão erradas e, junto delas, as concepções dualistas. Isso porque o dualismo é incoerente para solucionar o problema mente-corpo, pois postula a existência de dois tipos de coisas ou propriedades, enquanto que o materialismo postula a existência apenas de coisas materiais. Sendo assim, ambas concordam que o físico é não mental e o mental é não físico. Logo, o materialismo é, em última análise, a forma mais refinada do dualismo (SEARLE, 2006, p. 42). Sendo assim, Searle (p. 45) se posiciona contra ambas as correntes tradicionais da filosofia da mente:

Minha concepção, enfaticamente, não é uma forma de dualismo. Rejeito tanto o dualismo de propriedade quanto o de substâncias; mas, justamente pelas razões pelas quais rejeito o dualismo, rejeito igualmente o materialismo e o monismo. O erro profundo é supor que devemos escolher entre essas concepções.

A tradição filosófica da mente parece impor essas duas concepções como as únicas possíveis para solucionar o problema mente-corpo. Entretanto, segundo nosso autor, deve-se superar a tradição, pois ela está impregnada de vocabulários e conceitos que não permitem o avanço na solução da problemática. Como, para o filósofo norte-americano, o materialismo é,

³ Isso não significa necessariamente afirmar que a filosofia cartesiana está esgotada. Na verdade ela ainda tem muito a oferecer e de fato oferece. O método cartesiano de investigação pode ser um dos mais significantes para se continuar a desenvolver o conhecimento acerca dos fenômenos naturais. Entretanto, não é isso que está sendo questionado aqui.

na verdade, uma forma mais elaborada do dualismo, ele examina seis das principais teorias da corrente materialista da mente e apresenta suas objeções a elas.

As seis teorias materialistas da mente apresentadas por Searle e alvo de suas objeções são: o behaviorismo, a teoria de identidade tipo-tipo, a teoria de identidade ocorrência-ocorrência, o funcionalismo caixa-preta, a inteligência artificial forte e o materialismo eliminativo. Todas elas apresentadas na sua obra "*A redescoberta da mente*". Portanto, antes de passar às objeções de Searle, é preciso fazer algumas observações em relação a tais teorias:

- as teorias de identidade tipo-tipo e a teoria de identidade ocorrência-ocorrência possuem basicamente os mesmos fundamentos: que fenômenos mentais são idênticos a fenômenos neurofisiológicos. Entretanto, para Searle, a diferença supostamente existente entre elas reside no fato de que a primeira teoria liga um tipo de estado mental a um tipo de estado físico do cérebro, e a segunda que para cada ocorrência de um estado mental há eventos neurofisiológicos idênticos a essa ocorrência;
- Searle apresenta o funcionalismo sob o termo de "funcionalismo caixa-preta", mas é fundamentalmente funcionalismo, ou seja, os eventos neurofisiológicos correspondentes a estados mentais são em relação a funcionalidades do organismo;
- a Inteligência Artificial Forte consiste na possibilidade de um dia haver consciência em computadores, ou seja, estruturas de *hardware* que com os devidos *softwares* seriam capazes de ter estados mentais;
- o materialismo eliminativista baseia-se no fato de que os termos usados com concepções mentalistas (o vocabulário da psicologia popular) são falsos e, conseqüentemente, o fenômeno mental simplesmente não existe.

Searle expõe dois tipos de objeções às seis teorias da corrente materialista da mente: objeções do tipo senso comum e objeções do tipo "mais ou menos" técnicas. As objeções de senso comum podem ser resumidas da seguinte forma: as seis teorias materialistas da mente simplesmente ignoram ou excluem de suas investigações o mais importante dos fenômenos mentais: a consciência e suas características subjetivas. Já as objeções técnicas seguem a linha materialista do behaviorismo à inteligência artificial.

O behaviorismo⁴, segundo Searle, mostrou-se insuficiente para explicar os fenômenos mentais isolados no cérebro, aqueles estados mentais internos que não geram comportamentos. Diante desse problema, surgiram as teorias de identidade tipo-tipo e identidade ocorrência-ocorrência, mas ambas, em última análise, são uma forma de dualismo de propriedade (SEARLE, 2006, p. 61). Ademais, tais teorias não solucionam o problema de como estados neurofisiológicos diferentes podem ter os mesmos estados mentais. Assim, para essa questão, apresentou-se o funcionalismo caixa-preta. Este, por sua vez, falhou porque no que tange ao termo “caixa-preta” não fornece uma explicação em termos materiais do que existe em estados físicos diferentes que resulta nas mesmas relações causais (SEARLE, 2006, p. 66). Surge então a inteligência artificial forte, duramente criticada por Searle, pois deixa de lado a consciência e a intencionalidade. Entretanto, seu argumento mais forte contra a IA (Inteligência Artificial) é o argumento do quarto chinês. Ele consiste em dizer que um computador pode até reproduzir a mente humana, mas possui “[...] incapacidade de obter exposições adequadas do 'raciocínio não-monotônico', que espelharia o comportamento humano” (SEARLE, 2006, p. 68). Assim, programas de computadores podem ser similares ao funcionamento da mente humana, porém, não possuiriam consciência e intencionalidade.

Em relação ao materialismo eliminativo, as objeções são evidentes, pois ele simplesmente afirma que estados mentais não existem⁵. Assim, com os avanços nos estudos do cérebro, necessariamente substituir-se-ia o vocabulário mentalístico pelo vocabulário científico adequado.

Portanto, segundo Searle, a tradição e o vocabulário herdado dela, usados nas investigações da mente, fundamentam-se em pressupostos equivocados, levando as correntes materialistas da mente a concepções errôneas e falsas. Sendo assim, Searle, ao expor suas objeções às concepções materialistas da mente, busca manter-se fora desse círculo.

⁴ As objeções de Searle são direcionadas ao behaviorismo lógico, sendo que além dele haveria também o behaviorismo metodológico e o behaviorismo radical, que não chegam a ser objeto de suas críticas nesse momento da argumentação.

⁵ Afirmar a não existência da mente é afirmar a não existência da consciência; assim, o materialismo eliminativo é tão radical quanto aparentemente absurdo, pois não parece ser possível que alguém seja capaz de duvidar da própria consciência. Nem mesmo para Descartes, através da dúvida hiperbólica, seria possível tal afirmação.

4 A IRREDUTIBILIDADE ONTOLÓGICA DA CONSCIÊNCIA: O APARENTE DUALISMO DE JOHN SEARLE

Alguns estudiosos contemporâneos da filosofia da mente insistem na concepção dualista do naturalismo biológico de Searle devido à irredutibilidade ontológica da consciência defendida pelo filósofo: “Apesar das diversas passagens de sua obra onde Searle parece afirmar a identidade entre a consciência e a atividade cerebral, ele se pronuncia explicitamente por uma tese tipicamente dualista: a da *irredutibilidade ontológica* da consciência.” (PRATA, 2010, p. 14).

A consciência possui seu modo próprio de existir, e esse modo é subjetivo, ou seja, sua ontologia é diferente da ontologia dos processos físicos, que são objetivos. Na ontologia dos processos físicos é possível a um observador traçar linhas de *input* e *output* e processos de causação mental. Assim, o 'como surge' a mente é nada mais do que uma questão epistêmica. Logo, há uma observação em terceira pessoa de fenômenos objetivos. Contudo, a ontologia subjetiva dos processos conscientes não permite a um observador traçar qualquer caminho objetivo, pois os processos conscientes são em primeira pessoa, ou seja, ela só é sensível no sujeito em que se manifesta.

Ademais, a observação em primeira pessoa do fenômeno consciente também se mostra problemática enquanto redução ontológica, uma vez que, de acordo com o padrão de observação, na dicotomia observador/coisa-observada, a consciência é o próprio observador, não podendo, assim, ser a coisa observada.

A consciência, portanto, é redutível epistemicamente a processos físicos, ao passo que é irredutível ontologicamente. Dessa forma, Searle parece apresentar uma espécie de dualismo em sua filosofia. Tárík de Athayd Prata aponta para um “dualismo conceitual”:

Em outras palavras, a concepção de Searle acerca da irredutibilidade ontológica da consciência parece resultar numa cisão radical entre conceitos subjetivos e conceitos objetivos, cisão esta que parece ser simplesmente uma nova forma de *dualismo conceitual*, exatamente o principal pressuposto do debate mente-corpo que ele quer refutar. Apesar de criticar duramente 'o vocabulário e as categorias tradicionais', Searle acaba por articular uma teoria que pouco se distancia dessa tradição. A diferença é que, enquanto a tradição contrapunha conceitos *mentais* e conceitos *físicos*, nosso autor afirma que o mental *é* físico (porque *é* biológico), mas acaba contrapondo conceitos *subjetivos* e conceitos *objetivos*. Desse modo, sua teoria da mente parece consistir em 'um dualismo dentro do físico', atribuindo uma natureza física aos fenômenos mentais, mas ainda dualista no que diz respeito aos conceitos. (PRATA, 2009a, p. 117).

O aparente dualismo de conceitos de Searle, apontado por Prata, sustenta-se, à primeira vista, em uma concepção de oposição entre *subjetividade* e *objetividade*, mas quando se observa com maior cautela essa suposta oposição, nota-se que o fundamento ainda é o mesmo usado pelos dualistas tradicionais, a saber: é dualista porque é irreduzível. Assim, conceitos subjetivos são irreduzíveis a conceitos objetivos.

O termo “dualismo de conceitos” foi proposto pelo próprio Searle ao enquadrar o materialismo na esfera dualista como sendo sua forma mais refinada de pensar a questão mente-corpo:

É comum considerar o dualismo como tendo duas versões: dualismo de substâncias e dualismo de propriedades; mas a estas quero adicionar uma terceira, que chamarei de “dualismo de conceitos”. Esta concepção consiste em considerar os conceitos dualistas muito seriamente, isto é, consiste no ponto de vista de que, em algum sentido relevante, 'físico' implica 'não-mental', e 'mental' implica 'não-físico'. Tanto o dualismo tradicional quanto o materialismo pressupõem o dualismo conceitual definido dessa forma. Introduzo essa definição para tornar claro por que me parece melhor considerar o materialismo como realmente uma forma de dualismo [...]. O materialismo é, portanto, em certo sentido, a mais fina flor do dualismo. (SEARLE, 2006, p. 42).

Ademais, quando se trata de irreduzibilidade, qualquer coisa que se apresenta como irreduzível a processos físicos é posto dentro de alguma categoria dualista, visto que a tradição filosófica da mente usa essa metodologia para situar uma concepção da mente no materialismo ou no dualismo.

O aparente dualismo conceitual de Searle tem raízes nas tradições filosóficas de pensar a questão mente-corpo; observa-se através do emprego de concepções impregnadas de (pré)juízos dualistas. Assim, ao se falar de mente, se se diz irreduzível, logo se afirma o dualismo, opondo-se ao redutível que afirma o materialismo; bem como, se se diz subjetivo, diz-se oposto ao objetivo.

A irreduzibilidade da subjetividade do fenômeno consciente a qualquer coisa objetiva não significa necessariamente uma situação de oposição, nem mesmo a utilização de conceitos deveria caracterizar tal situação. Ademais, a irreduzibilidade ontológica da consciência, por ser basicamente fundamentada na subjetividade, não a elimina do caráter objetivo do mundo. A consciência, assim como seu caráter subjetivo, faz parte e está presente na natureza e, conseqüentemente, faz parte de toda realidade como qualquer outra coisa objetiva; cada coisa tem seu modo específico de existência.

Portanto, não é porque termos usados para conceituar a objetividade das coisas presente na realidade são insuficientes para conceituar a subjetividade, também presente na realidade, que se deva necessariamente julgá-los como termos dualistas. Da mesma forma que a irreduzibilidade ontológica da mente não implica um dualismo qualquer.

5 SEARLE E A TERCEIRA VIA PARA SE PENSAR A RELAÇÃO MENTE-CORPO

Searle, através do seu naturalismo biológico, propõe uma terceira via para se pensar a questão mente-corpo. A proposta é pensar a mente sem os grilhões da tradição filosófica que se debruça sobre o problema. Entretanto, o filósofo norte-americano parece fundamentar-se em um *híbrido* de dualismo e materialismo, o que, para uma ampla opinião, torna sua teoria no mínimo duvidosa (PRATA, 2009b, p. 108). A dúvida principal, talvez, seja se o naturalismo biológico furta-se da tradição filosófica da mente e, conseqüentemente, não se enquadra nas correntes dualistas e materialistas, ou o que ele faz é mesclar ambas as correntes.

Na obra *A redescoberta da mente*, Searle faz duras críticas às tradições da filosofia da mente, ao passo que explana um pouco mais detalhadamente sua concepção de “mente”, dando destaque para o fenômeno consciente como sua característica principal.

Para o autor, a tradição filosófica da mente herdou o vocabulário da concepção cartesiana de pensar o problema mente-corpo. Dentro desse vocabulário encontram-se conceitos, por assim dizer, paradigmáticos que são tratados como pressupostos para toda a discussão.

O paradigma conceitual surge quando a realidade foi dividida por Descartes em substância pensante (*res-cogitans*) e substância extensa (*res-extensa*). A partir daí o que é “mental” (*M*) passa a ser “não físico” ($\tilde{n}-F$) e o que é “físico” (*F*) passa a ser “não mental” ($\tilde{n}-M$) e tudo o que possa existir necessariamente pertence a uma dessas categorias, a saber: ou mental ou físico (*Se M, então $\tilde{n}-F$; se F, então $\tilde{n}-M$*), sendo dogmático que mental (*M*) não pode ser físico (*F*), da mesma forma dogmática que se não físico é não mental, então é sobrenatural ($\tilde{n}-F = \tilde{n}-M, \text{então } x$), no sentido espiritual-religioso.

Instituído o paradigma, inicia-se o avanço nas pesquisas científicas através da confiança no controle sobre a natureza, dividindo-a em tantas partes quantas possíveis, e cada parte sendo objeto de uma determinada ciência. Então, quase tudo é possível de ser observado e/ou experimentado. Isso desembocou no que talvez tenha sido um dos maiores equívocos da

história da filosofia: tudo o que existe só existe se puder ser descrito objetivamente, ou seja, tudo são fatos. Ademais, alguns levaram isso tão a sério e a um ponto tão extremo que chegaram mesmo a afirmar que simplesmente não existe substância pensante, portanto, não existem coisas imateriais. Os adeptos dessa concepção denominaram-se materialistas.

Os materialistas, segundo Searle, herdaram da tradição o vocábulo cartesiano e, com ele, seus conceitos, com suas supostas oposições entre o fenômeno mental e o fenômeno físico. Assim, pela tradição, se o fenômeno mental não for redutível a fenômenos físicos é dualista, se for redutível é materialista. E isso é válido para ambas as correntes.

Resumidamente, a herança é: a) toda concepção da mente que reduza seus fenômenos a eventos fisicamente observáveis é uma concepção materialista da mente; e b) toda concepção da mente que postule a irreducibilidade de seus fenômenos a eventos fisicamente observáveis é uma concepção dualista da mente.

O naturalismo biológico de Searle apresenta o fenômeno mental como redutível epistemicamente a eventos físicos ao passo que é irreducível ontologicamente. Disso resulta o *híbrido* de dualismo e materialismo na sua teoria.

A concepção dualista do naturalismo biológico de Searle reside no fato de o filósofo afirmar a irreducibilidade do fenômeno subjetivo da consciência nos moldes dos padrões de observação da tradição filosófica, em que se espera que tudo o que possa ser observado também possa ser conceituado objetivamente, ou seja, sem o emprego de termos subjetivos. Enquanto que a concepção materialista da teoria do filósofo norte-americano encontra-se em sua afirmação de que a consciência é resultado do processo evolutivo de alguns organismos que desenvolveram um complexo sistema nervoso capaz de causá-las e suportá-las, sendo redutível epistemicamente.

Disso conclui-se que, se o fenômeno mental pode ser causalmente redutível a eventos físicos, então a redução causal deve necessariamente manter uma relação de identidade com os fenômenos mentais e vice-versa. Entretanto, tal identidade não é possível, pois a redução causal da mente não engloba a redução ontológica do fenômeno subjetivo da consciência. Isso porque a tradição espera que uma redução causal de um fenômeno resulte na redução ontológica desse fenômeno em termos puramente objetivos. Assim, mesmo que seja possível a redução causal da mente a processos neurofisiológicos do sistema nervoso e, assim, ser observado objetivamente em terceira pessoa, a consciência e seu fenômeno subjetivo não é observado nessa redução causal.

A subjetividade, característica fundamental da consciência, furta-se a observações tanto em terceira pessoa quanto em primeira pessoa. A razão disso é, pois, que ela é a coisa que observa. É através da consciência que se apreendem os dados do mundo e se lhes atribui significado. Ela é que faz as três operações do espírito: a simples apreensão, a formulação de juízos e o raciocínio.

Nota-se, então, que a questão de o naturalismo biológico de Searle ser dualista ou materialista fundamenta-se na aceitação dos pressupostos mantidos pela tradição filosófica da mente, na qual há dois tipos de coisas existentes, sendo elas opostas ($\bar{n}-M = F$; $\bar{n}-F = M$). Caso não haja dois tipos de coisas, logo haverá apenas um: o físico (F).

Todavia, o que Searle defende no seu naturalismo biológico é que fenômenos mentais são fenômenos físicos ($M = F$) porque são biológicos (perspectiva materialista), mas logo que surgem são ontologicamente irreduzíveis a fenômenos objetivos (perspectiva dualista), pois é subjetiva.

Dentro da história da filosofia, contudo, alguns filósofos já apontavam a existência de fenômenos mentais iguais aos fenômenos físicos, como o médico La Mettrie (1709-1751) na obra *O homem-máquina* (1982), na qual, *grosso modo*, o pai do materialismo situa alma⁶ em toda estrutura do corpo, assim como Searle relaciona a mente com o cérebro. Ademais, o médico francês já parecia insinuar o caráter subjetivo da consciência:

Quantos temperamentos, quantos espíritos, quantos caracteres e quantos costumes tão diferentes! O próprio Galeno teve conhecimento desta verdade que Descartes depois levou ainda mais longe, ao ponto de afirmar que só a medicina, por meio do corpo, podia alterar quer o espírito quer os costumes. E a verdade é que a Melancolia, a Bília, a Fleuma, o Sangue, etc... segundo a sua natureza, a abundância ou a diferente combinação destes humores, fazem de cada Homem um Homem diferente. (LA METTRIE, 1982, p. 53).

Devido à irreduzibilidade do fenômeno da subjetividade da consciência a qualquer coisa objetiva, Searle execra do seu naturalismo biológico o materialismo, colocando-o dentro da concepção dualista da mente. Isso se dá somente em razão da tradição filosófica, pois tal irreduzibilidade não significa necessariamente imaterialidade do fenômeno.

O ponto é que o modelo científico de redução pressupõe que tudo que seja reduzível possui necessariamente partículas subatômicas em sua estrutura, que são a própria realidade no nível micro do que se observa no nível macro. Esse modelo de redução não suporta o

⁶ O termo “alma” era usado na referência a “aquilo que anima a matéria e apreende o mundo”; em nossa contemporaneidade, esse termo pode ser substituído pelo termo “processo cognitivo” sem perda de significado.

fenômeno subjetivo, pois não possui um nível micro subatômico, ele [o fenômeno subjetivo] é todo o ser que o manifesta em relação ao que ele o manifesta, sem esgotar-se no comportamento desse ser.

Além disso, o corpo humano já foi dividido tantas vezes e em tantas partes, pequenas e/ou grandes, mas em nenhuma foi encontrada a subjetividade, nem mesmo nos genótipos. Dividiu-se tanto o corpo humano que parece ter-se esquecido de juntar as partes novamente, de modo a reencontrar, justamente, o humano dentro dele:

Porque uma coisa que se divide já não pode depois, sem se cair no absurdo, ser considerada indivisível. Eis até onde pode conduzir o abuso das Línguas e o recurso a grandes palavras como **espiritualidade**, **imaterialidade**, etc., que são proferidas ao acaso, sem serem entendidas, mesmo por gente de Espírito. (LA METTRIE, 1982, p. 67).

Mesmo assim, se ainda houver a necessidade de situar a teoria de Searle em uma dessas propostas de investigação da mente, que seja, portanto, no materialismo, mas sem necessariamente aceitar o pressuposto de que tudo o que é material é não mental, pois o mental faz parte da matéria, e a matéria faz parte do mental. O mental faz parte da matéria porque é desta que aquele surge em seus vários aspectos, e a matéria faz parte do mental, pois sem este aquela não possuiria qualquer sentido.

É a consciência que exerce as operações do espírito, é ela que fornece o conteúdo semântico para os dados de *input*, mas isso só é possível se ela, a consciência, possuir conteúdo semântico, o que, segundo o naturalismo biológico de Searle, parece ser assegurado pelo *background*. E é através desse conteúdo semântico da consciência que os dados de *output* têm sentido (o que parece estar relacionado com a *Intencionalidade*):

Assim como uma corda de Violino ou uma tecla de Cravo estremece e emite um som, as cordas do Cérebro, quando nelas embatem os raios sonoros, são excitadas de modo a emitir ou a repetir as palavras que as tinham impressionado. No entanto, esta víscera está de tal maneira construída que a partir do momento em que uns olhos bem constituídos para a Óptica recebem a pintura dos objetos, o cérebro não pode deixar de ver as suas imagens e as suas diferenças; de igual modo, logo que os Sinais dessas diferenças se marcam ou ficam gravados no cérebro, a Alma examina necessariamente as relações entre eles – exame que lhe seria impossível sem a descoberta dos Signos ou a invenção das Línguas. (LA METTRIE, 1982, p. 65).

Portanto, parece perfeitamente possível uma redução da consciência a conteúdos semânticos constituídos de Intencionalidade por intermédio dos *backgrounds*. Dessa forma,

qualquer caráter objetivo da consciência deve necessariamente passar por uma investigação minuciosa da linguagem diretamente proporcional ao ambiente, tanto de esfera particular quanto de esfera coletiva do sujeito. Assim, é bem possível que a consciência seja também um conteúdo semântico. A questão de conteúdo semântico ser ou não ser material é outra questão que não tem espaço aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia da mente ainda possui um longo caminho pela frente na resolução do problema mente-corpo. Dentro dessa caminhada, o naturalismo biológico de Searle surge como uma terceira via para se pensar a questão. O filósofo norte-americano, como vimos, convida os que se debruçam sobre o problema a quebrar o paradigma da tradição e pensar o mental como físico, inserindo a consciência e seu fenômeno subjetivo de forma definitiva dentro do contexto da discussão.

Alguns parecem aceitar as concepções de Searle como uma terceira via se sua teoria não contiver concepções dualistas e materialistas. Ora, essa condição é absurda, pois qualquer concepção que se faça da mente terá, em algum ponto, algo de uma dessas correntes, seja por conformidade ou por oposição de um termo ou de outro. Se a concepção de consciência de Searle for um *híbrido* de dualismo e materialismo, ainda assim não é nem toda dualista e nem toda materialista, sendo necessário algo diferente de ambas, logo, uma terceira via para se pensar a questão.

REFERÊNCIAS

- ANDREATTA, Giuliano Rojo. **Subjetividade e natureza na filosofia da mente de John Searle**. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, 2008.
- CHURCHLAND, Paul M. **Matéria e consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente**. São Paulo: UNESP, 2004.
- DESCARTES. **Meditações sobre filosofia primeira**. Tradução Fausto Castilho. Campinas, SP: IFCH-UNICAMP, 1999.
- LA METTRIE. **O homem-máquina**. Tradução António Carvalho. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

LIMA FILHO, Maxwell Morais. **Naturalismo biológico**: a solução dualista de John Searle para o problema mente-corpo. 2010. 111f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

PRATA, Tárík de Athayde. Dificuldades da concepção de John Searle sobre a redução da consciência: o problema das capacidades causais. **Princípios – Rev. Fil.**, Natal, RN, v. 15, n. 24, p. 05-29, 2008.

PRATA, Tárík de Athayde. É incoerente a concepção de Searle sobre a consciência? **Manuscrito – Rev. Int. Fil.**, Campinas, SP, v. 34, n. 2, p. 557-578, 2011.

PRATA, Tárík de Athayde. John Searle sobre a identidade e a eficácia causal da consciência. **Prometeus – Rev. Fil.**, São Cristóvão, SE, ano 3, n. 5, p. 9-23, 2010.

PRATA, Tárík de Athayde. Pode-se explicar a consciência através de processos cerebrais? Os argumentos de John Searle contra a concepção de Thomas Nagel. **Kalagatos – Rev. Fil.**, Fortaleza, CE, v. 6, n. 11, p. 137-172, 2009a.

PRATA, Tárík de Athayde. Irreducibilidade ontológica versus identidade: John Searle entre o dualismo e o materialismo. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 18, n. 25, p. 107-124, ago. 2009b.

SEARLE, John R. **A redescoberta da mente**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SEARLE, John R. Artigo de reflexão: filosofia em um novo século. Tradução de Felipe Oliveira de Souza. **Filosofia Unisinos – Rev. Fil.**, São Leopoldo, RS, v. 10, n. 2, p. 203-220, 2009.

VENTURA, Wander. **Uma investigação sobre o problema mente-corpo segundo o ponto de vista de John Searle**. 2009. 90f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 2009.